



Revista Cocar. Edição Especial N.45/2025 p.1-20

ISSN: 2237-0315

**Dossiê: Experiências instituintes de pesquisa e formação docente:  
diálogos latino-americanos**

**O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma  
experiência instituinte**

*The teacher's perspective on the challenges of public schools: reflections on na  
instituting experience*

Marta Campos de Quadros

**Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)**

Canoas-Brasil

Yoshie Ussami ferra Leite

**Universidade Estadual Paulista (Unesp)**

Presidente Prudente- Brasil

**Resumo**

O presente artigo reflete sobre uma pesquisa-ação-colaborativa desenvolvida entre 2019 e 2023 junto à E.E. Vereador Pedro Tófano, no distrito de Montalvão, em Presidente Prudente, SP como uma experiência instituinte em escola pública. Apresenta os diferentes momentos da pesquisa e analisa as narrativas de professores e diretores produzidas a partir de cartas pedagógicas. Aponta que nas cartas dos professores, aparecem questões relacionadas aos desafios do trabalho docente, às relações entre professores, com a gestão, com os alunos e com a comunidade. A discussão desses aspectos da prática profissional e da vida cotidiana escolar é colocada pelo conjunto dos integrantes da pesquisa-ação-colaborativa como elemento de reflexão e formação e levou o conjunto da escola ao desafio de buscar conhecer melhor o aluno para aperfeiçoar suas práticas – pedagógicas e de gestão.

**Palavras-chave:** Escola Pública; Pesquisa-ação-colaborativa; Experiência instituinte.

**Abstract**

This article reflects on a collaborative action-research project developed between 2019 and 2023 at E.E. Vereador Pedro Tófano, in the Montalvão district of Presidente Prudente, São Paulo, as an instituting experience in a public school. It presents the different stages of the research and analyzes the narratives of teachers and principals produced through pedagogical letters. It highlights that the teachers' letters contain issues related to the challenges of teaching, relationships between teachers, with management, with students, and with the community. The discussion of these aspects of professional practice and daily school life is presented by all members of the collaborative action-research project as a source of reflection and development, and led the school as a whole to the challenge of seeking to better understand its students in order to improve its pedagogical and management practices.

**Keyword:** Public School; Collaborative Action Research; Instituting Experience.

### **Reconhecendo o caminho, uma introdução**

O presente artigo refere-se a uma pesquisa-ação de caráter colaborativo efetivada entre 2019 e 2023, junto à Escola Estadual Vereador Pedro Tófano, em Presidente Prudente (SP). Essa experiência de pesquisa-ação-colaborativa tem origem em uma demanda da diretora e de um grupo de professores como uma forma de construir participativamente o Projeto Político Pedagógico da Escola. No decorrer do processo, por decisão do próprio grupo, a demanda foi sofrendo alterações e acabou por articular-se à pesquisa interinstitucional “Olhares Psicossociais para a Prática Docente” desenvolvida pelo Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (CIERSS-Ed) e Cátedra UNESCO sobre Profissionalização Docente da Fundação Carlos Chagas (FCC). Esta investigação mais ampla visava oferecer uma pluralidade de informações contextualizadas sobre o cotidiano escolar com foco no trabalho de professores (as), por meio de estudo psicossocial de caráter etnográfico, considerando multimétodos de coleta e análise, bem como os pontos de vista de gestores, professores e estudantes.

Acreditamos relevante destacar que uma alteração importante sofrida pelo processo de construção colaborativa de conhecimento e novas práticas objetivadas pelo grupo envolvido foi decorrente do distanciamento social imposto pelas medidas sanitárias exigidas para superação da pandemia de Covid-19. Naquele momento em que as interações e práticas escolares se viram transferidas para o ambiente virtual, além da suspensão momentânea das atividades, a observação e as entrevistas etnográficas não puderam ser realizadas. Contudo, como grupo optamos pela continuidade da pesquisa-ação-colaborativa e outras estratégias e dispositivos foram desenvolvidos junto com a comunidade escolar tão logo as atividades foram retomadas ainda em 2021: de diferentes formas, diretores, professores, estudantes e conselho escolar foram escutados.

Nesse texto, buscamos mostrar então como, a partir da demanda da equipe escolar e em articulação com o Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Políticas Públicas e Espaço Escolar (GPFOPe) da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP), procuramos construir possibilidades colaborativas de trabalho com a finalidade de (re)conhecer os atores da Escola naquilo que lhes é identitariamente próprio. Ainda procuramos refletir sobre suas práticas e produzir práticas pedagógicas e de gestão mais adequadas às dimensões ética, técnica, política e estética da sala de aula como uma

construção conjunta, um lugar privilegiado da vida pedagógica, mas não único, do ensinar, aprender, pesquisar e avaliar compartilhado pelo professor e seus alunos e pela gestão (Rios, 2019).

De acordo com Franco (2005), a pesquisa-ação vem sendo utilizada de diversas maneiras e com diferentes intencionalidades nas últimas décadas, formando “um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas” (Franco, 2005, p. 483). Em nossa experiência de pesquisa-ação-colaborativa, importou principalmente o caráter pedagógico desta perspectiva de pesquisa, no sentido de que pretendemos utilizá-la como meio para construir coletivamente uma experiência de formação na contramão do instituído. E aqui pensamos com Linhares (2007, p. 149) que “[...] para ir na contramão é preciso afirmar valores que sejam acolhidos socialmente, assumindo riscos de colisão com interesses acumulados que se expressam e se divulgam como cientificamente comprovados”.

Sobre essa dimensão da pesquisa-ação-colaborativa, Franco (2005, p.489) afirma que ela é “[...] eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática”.

Ao destacarmos a importância do caráter pedagógico da pesquisa-ação-colaborativa realizada em conjunto com os professores e gestores da Escola Estadual Vereador Pedro Tófano, pretendemos afirmá-la como opção de formação de quem almeja a transformação das práticas e a emancipação dos atores envolvidos. Mudança e emancipação que se dão por meio da construção de um sujeito crítico-reflexivo que comprehende as dimensões ética, técnica, política e estética do seu *saber-fazer* docente em interação com o aluno nos diferentes espaços escolares a partir de movimentos pouco percebidos e muitas vezes não valorados pelo já instituído. Movimentos que constituem o que entendemos com Linhares (2007) como *experiências instituintes*, ou seja, aquelas que em potência “[...] tendem a alterar, diferir e criar uma outra escola, em articulação com uma outra sociedade, mais justa, mais amorosa, mais includente e mais plural, superando e ultrapassando aquelas formas de dominação e manipulação político-pedagógicas” (Linhares, 2007, p.139).

Nesse sentido, enfatizamos que pensamos a formação dos professores da escola e dos professores pesquisadores do GPFOPE como um aprender contínuo, parte do processo formativo que, como afirma Nóvoa (2001, p.2), deve “[...] se concentrar em dois pilares: a

*O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

própria pessoa do professor, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”. O autor ainda afirma que “[...] a formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno [...], como aluno-mestre [...], como estagiário [...], como iniciante [...] e como titular [...]. Esses momentos só serão formadores se forem objeto de um esforço de reflexão permanente” (Nóvoa, 2001, p.2).

Para o professor trabalhar a formação de um aluno, ele necessita pensar-se como sujeito da sua própria formação e importa como condição de possibilidade da sua ação docente o conhecimento prévio, os saberes profissionais docentes que construiu a partir de sua formação acadêmica – conteúdos e métodos – e ao longo de sua vida, na forma de experiência singular, individual e grupal, contingente.

Naquilo que se refere à metodologia com a qual a pesquisa-ação-colaborativa foi construída, além das reuniões periódicas (quinzenais, comumente nos horários destinados à formação continuada) entre os atores da escola e os integrantes do GPFOPE, utilizamos inicialmente narrativas abordando os sonhos colocados em compasso de espera pelos docentes, explicitando a escola como ela é e como é desejada, o aluno que desejavam formar e os projetos de vida que ainda queriam realizar e estavam de alguma forma esquecidos ou encobertos pelo ritmo da vida cotidiana.

Também foram produzidas narrativas de estudantes dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, na forma de conversas por balões de histórias em quadrinhos, conforme sugerido pela já referida pesquisa interinstitucional coordenada pela Fundação Carlos Chagas. As conversas, como detalhamos na próxima seção, foram desencadeadas por uma situação hipotética: um aluno em processo de transferência busca informações sobre a escola, os colegas e os professores.

Como resultado das reflexões produzidas com a análise e a discussão das respostas que obtivemos e a partir das vivências dos integrantes da pesquisa-ação-colaborativa, realizamos um levantamento de informações sobre os alunos, através de formulário eletrônico, preenchido durante as disciplinas “Projeto de Vida” e “Eletiva”, na sala de informática da escola.

Com este dispositivo de produção de dados, que continha questões fechadas sobre dados censitários e questões abertas mais subjetivas, objetivamos (re)conhecer os desejos e expectativas dos jovens estudantes com relação ao futuro e compreender a relação destes

com a escola. O formulário que foi estruturado em sete blocos de questões fechadas e abertas, abordando aspectos relativos à caracterização individual e familiar do estudante, seu contexto de residência, interações com equipamentos da comunidade e da cidade, bem como seus desejos com relação à escola e ao seu futuro.

Também como parte da análise dos dados produzidos a partir do levantamento, tabulamos e analisamos – professores da Escola e integrantes do GPFOPE – as questões fechadas. As questões abertas foram analisadas e comentadas por nós tendo como cenários interpretativos as informações produzidas pela análise das questões fechadas. As discussões eram registradas, os registros eram transformados em texto e lidos pelo nosso grupo, orientavam os próximos passos do processo num tecer contínuo de reflexão-ação-reflexão.

Ainda integrando desenvolvimento da pesquisa-ação-colaborativa, aderimos à proposta de troca de cartas entre os professores e diretores que compunha os dispositivos de produção de dados da pesquisa interinstitucional “Olhares Psicossociais para a Prática Docente” já referida e que também detalhamos mais adiante.

Este artigo está organizado como segue: nesta introdução buscamos situar o que estendemos como *experiência instituinte*, como pensamos a pesquisa-ação-colaborativa em um contexto formativo transformador e emancipador de reflexão-ação-reflexão, e apresentar o contexto desencadeador da pesquisa. Na seção seguinte apresentamos o detalhamento do início da experiência na escola, o encontro desejado entre escola e universidade em um processo em que nós e eles se fundem em único nós no decorrer das atividades realizadas. Na sequência descrevemos como buscamos conhecer as identidades dos alunos e, neste processo acabamos por (re)conhecer nossas práticas escolares e refletir sobre elas como forma de transformá-las.

Ainda, fazemos uma análise da experiência, considerando as possíveis aprendizagens alcançadas pelos atores/professores envolvidos e, por fim, apresentamos as considerações finais sobre a experiência de pesquisa-ação-colaborativa realizada como uma experiência instituinte.

### **Como tudo começou? Um encontro desejado da escola com a universidade**

Ao caracterizarmos nossa experiência de pesquisa-ação-colaborativa, é importante ressaltar o fato de ter sido uma experiência de construção conjunta, uma vez que a ida dos pesquisadores à escola partiu de uma demanda da equipe escolar, tendo em vista uma

*O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

necessidade de formação percebida pelo próprio grupo. Aqui apresentamos o que julgamos ser momentos-chave desse processo de formação conjunta.

A parceria entre a E. E. Vereador Pedro Tófano e os membros do Grupo de Pesquisa iniciou em novembro de 2018. Naquela ocasião, a escola estava passando por mudanças na direção e a intenção era construir um verdadeiro projeto político pedagógico, de forma participativa, que se alinhasse aos sonhos e expectativas dos alunos, professores e comunidade escolar.

A proposta de trazer o GPFOPE para dentro da escola surgiu devido à constatação, em uma das reuniões de planejamento com os professores, de que uma parte deles estava interessada em aprender *procedimentos de pesquisa* para compreender a própria realidade e, assim, definir o perfil dos alunos que a escola almejava formar. A partir dessa constatação, a direção da escola entrou em contato com a coordenadora do GPFOPE, o grupo de professores e os diretores estiveram em uma reunião do Grupo de Pesquisa no final de 2018, expuseram a demanda. Ao final do encontro, ficou acertada uma visita à escola para conversar com os demais professores no início do ano letivo de 2019.

Naquele momento não sabíamos ainda como essa parceria se configuraria e se as expectativas dos professores e dos membros do GPFOPE seriam semelhantes, complementares ou até mesmo distintas. No entanto, havia uma motivação bastante grande devido ao interesse de ambos os grupos em compreender fenômenos, aspectos, assuntos, relacionados ao mundo escolar e de colaborar de forma efetiva com a construção de uma escola pública de qualidade e para todos, um compromisso assumido pelo Grupo de Pesquisa desde a sua criação em 1999.

Diretores e professores, durante a reunião, apresentaram a escola como presente na comunidade há muito tempo, localizada no distrito de Montalvão, que é uma área do município de Presidente Prudente (SP) que se caracteriza por um pequeno núcleo urbano e uma extensa área rural. Relataram que o Pedro Tófano, nome pelo qual a comunidade se refere à Escola, entrou em funcionamento, segundo o livro de registro de ponto pessoal em 1º de março de 1947, com o nome de Grupo Escolar Montalvão, em instalações modestas e ainda em madeira. Na época, a escola era vinculada à administração municipal.

Atualmente compondo a Diretoria de Ensino da Região de Presidente Prudente da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, ela funciona nos turnos matutino e noturno

em um conjunto de prédios de alvenaria. Quando do primeiro encontro contava com aproximadamente 260 alunos matriculados – a maior sala tinha 35 alunos –, predominantemente provenientes de bairros da periferia, integrantes de uma população de baixa renda. Os membros da equipe escolar afirmavam a quase inexistência de problemas disciplinares. Quanto aos professores, boa parte efetivos e boa parte categoria “O” (contratados), tinham dificuldades para se ajustar aos alunos, resistência a mudanças, percepção muito técnica e pouco política da função da escola e do professor.

Partindo da ideia de trabalho colaborativo, reflexivo e crítico, em que o pesquisador se integra ao grupo de referência para *fazer com* e não para *fazer para*, a pesquisa-ação-colaborativa não comporta uma postura de *estrangeiro* por parte do pesquisador. É preciso que ele se integre verdadeiramente ao grupo, rompendo com a atitude comum ao pesquisador positivista de manter a distância em relação ao seu objeto de pesquisa.

Justamente pela consciência da necessidade de que os pesquisadores não adotassem uma postura de alheamento em relação ao grupo de referência, houve uma preocupação inicial quanto à questão de como chegar à escola como lugar da ação da pesquisa como processo de construção colaborativa de conhecimento e novas práticas. Essa preocupação e esse cuidado se traduziram em uma postura de escuta sensível e acolhimento para com as necessidades do grupo, suas ambivalências, de forma que os professores e diretores pudessem expressar livremente nas reuniões suas intenções e expectativas em relação ao trabalho.

Reafirmamos com Linhares (2007) que naquele momento, atentos às questões que se apresentavam, “[...] preferimos pesquisar as experiências instituintes [e aquela nos parecia ser uma delas] e seus intermináveis movimentos [entre o alheamento e o desejo de mudança] do que nos situarmos em investigações de práticas, modelos ou experiências bem-sucedidas ou alternativas. [...]” (Linhares, 2007, p. 150). Neste sentido, Franco (2005) afirma que a construção de uma relação de confiança entre pesquisadores e grupo de referência leva tempo e deve ser pautada por um “agir comunicativo”, baseado na crença de que é possível, por meio da negociação da “interpretação de papéis” (de pesquisador a participante, de participante a pesquisador), chegar a um saber compartilhado.

A visita dos integrantes do GPFOPE à escola ocorreu somente em abril de 2019. Para a ocasião foi preparada uma dinâmica a partir da obra “Sonho em Conserva”, de Pedro Leonelli,

*O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

autor local. No primeiro momento, em grupo, todos leram a história e escreveram sobre sonhos, expectativas e frustrações que colocavam em suspenso, projetos com relação à vida e à escola.

Essas narrativas foram compartilhadas oralmente e sistematizadas pelo grupo. Nas estavam memórias do tempo de escola, representações de bons e maus professores, desejos de continuar a formação acadêmica, de constituir uma família, ter casa própria, lecionar em uma escola mais central, ser respeitado profissionalmente e, enquanto aluno, respeitado pelos professores. Também estavam ali narrados os desejos de fazer da escola e da comunidade um lugar de convivência sadia, de realização de atividades de lazer e de produção de conhecimento considerando as peculiaridades do Distrito de Montalvão como lugar entre o urbano e o rural.

Durante o processo de compartilhamento, quando eram feitos comentários, estes sonhos eram comparados com a realidade precária do trabalho docente, da não perspectiva de estabilidade e qualificação, da não fixação em uma única escola com a qual criassesem uma identidade mais forte com os colegas, alunos e comunidade. Eram expressas demandas por equipamentos de lazer e entretenimento que não obrigassesem aqueles que lá residiam a, necessariamente, deslocarem-se *para a cidade* (área central urbana do município) em transporte coletivo bastante precário.

Destacamos que E.E. Vereador Pedro Tófano, como sustenta Rockwell (2014), já se apresentava como um lugar de referência positiva ou negativa para os professores e diretores e para os jovens estudantes, só não sabíamos qual os sentidos atribuídos por eles a ela e que efeitos esses sentidos poderiam ter sobre as práticas pedagógicas dos professores e de gestão dos diretores.

A autora nos lembra que pelo tempo que todos passamos na escola, em média 5 horas por dia, durante aproximadamente 200 dias letivos, o tempo de escola

[...] necessariamente deixa marcas na vida. O conteúdo desta experiência varia de sociedade para sociedade, de escola para escola. Se transmite através de um processo real, complexo, que só de maneira fragmentária reflete os objetivos, conteúdos e métodos que se manifestam no programa oficial. (Rockwell, 2014, p.13, tradução nossa)

Mas recorda que a experiência formativa para estudantes e professores, oportunizada pelo *estar na escola*, vai além do que está institucionalizado, refere-se às diferentes formas

cotidianas de viver a experiência escolar que resultam em mudanças reais, às vezes em direções divergentes, frequentemente imprevisíveis, frente ao instituído.

Naquele momento, os sonhos em conserva indicavam movimentos em múltiplas direções quase imperceptíveis aos olhos dos sistemas de ensino, da municipalidade e de nossas próprias pesquisas. Aqueles sonhos em conserva mostravam a necessidade de serem valorados e se mostravam como potência de mudança. Foi naquele contexto de primeiro encontro que foi apresentada a ideia de realização de uma pesquisa-ação-colaborativa a ser desenvolvida em encontros quinzenais nos horários de formação continuada.

Por solicitação dos cerca de 25 professores que passaram a compor o grupo no primeiro ano da experiência, as temáticas iniciais para discussão nos encontros girariam em torno da pesquisa-ação-colaborativa propriamente dita e do entendimento mais aprofundado sobre processo de planejamento participativo e do projeto político pedagógico. Nos primeiros encontros, nos preocupamos em nos conhecer, em formular nossas expectativas e em definir um rumo para a pesquisa-ação-colaborativa. Esse começo não foi rápido, praticamente ocorreu a partir do final do ano de 2018 e durante todo o ano de 2019, quando nos últimos encontros foi trazida à cena a participação na pesquisa interinstitucional “Olhares Psicossociais para a Prática Docente” já referida.

Como preparação para a retomada dos trabalhos no final de fevereiro de 2020, quando o período de férias escolares se encerraria, foi realizada uma reunião de avaliação em que muitos integrantes decidiram que suas opções profissionais os levavam para outras escolas e escolhas. O grupo ficou reduzido a 15 integrantes que manifestaram a importância do processo experienciado, a vontade de voltar à universidade para aprofundamento das suas formações através de cursos de pós-graduação (mestrados e doutorados) e a necessidade de conhecer ainda mais o contexto das práticas docentes, bem como quem eram os estudantes e que sentidos a escola poderia ter para eles.

Ainda no encerramento do ano de 2019, participamos de reunião do Conselho Escolar, apresentando as perspectivas da pesquisa para o ano seguinte. Pais, responsáveis e representantes de outros conselhos da comunidade escolar nos arguiram e chancelaram a continuidade do processo de pesquisa.

**Depois do distanciamento social, vida e pesquisa seguiram....**

*O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

Em 2020, os trabalhos foram interrompidos devido à Pandemia Covid-19 e as reuniões retomadas, ainda à distância, apenas em meados do segundo semestre daquele ano. Foram vários encontros virtuais em 2020 e 2021 que resultaram no estudo do que é uma pesquisa-ação-colaborativa e sua finalidade, e na discussão da visão que os professores tinham da escola e dos alunos, das nossas expectativas de pesquisa. Tais discussões contribuíram para o levantamento de questionamentos sobre as nossas próprias expectativas sobre o trabalho que ali estava sendo construído tanto quanto à pesquisa como quanto à formação continuada de todos os integrantes dessa parceria.

Em 2021, com o retorno dos alunos ao espaço escolar foi desenvolvida a atividade de captura das narrativas dos alunos a partir de conversas com balões de quadrinhos, já referida na metodologia. Estas conversas tinham como elemento motivador da conversa uma situação de busca de informação hipotética: *Olá! Você sabe que eu vou me mudar, né? Estou pensando em ir para a tua escola! Queria algumas dicas. Como é que é a sua escola? Como é o pessoal que estuda aí? E os professores, como são?*. Setenta e sete (77) estudantes (29 meninas e 44 meninos que identificaram o sexo, e 4 que não se identificaram) dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental participaram da atividade que foi desenvolvida pelos professores.

Nas narrativas, meninos e meninas afirmavam gostar da escola como espaço de encontro, de estar com seus pares, mas nem todos afirmavam que gostavam de estudar. Neste sentido trouxeram críticas a forma de relacionamento com os professores – alguns reclamavam da rigidez e dos métodos dos professores ensinarem, outros da permissividade com a *bagunça* e com o *barulho*, o que era apontado como um fator prejudicial para o aprender. Reconheciam que havia *professores (as) legais, sérios (as) e comprometidos (as)*, mas alguns estavam lá só para receber o salário e cumprir a obrigação.

Quantos aos colegas, as opiniões dos alunos e alunas também variavam: havia os *colegas legais, com quem se pode contar*, mas também havia aqueles que só faziam fofoca, não estavam nem aí para os estudos, não faziam o dever de casa e nem respeitavam os professores e colegas. Poucos foram aqueles que não queriam estar na escola ou que disseram para o novo colega não considerar o Pedro Tófano com possibilidade para estudar no ano seguinte.

Novamente ao realizar a análise e discussão das narrativas, a questão da identidade se impôs. Decidimos, então, eleger a identidade como foco de nossos estudos, na intenção de compreendermos nossa posição na vida e no projeto de vida dos alunos e de também

entendermos como nossos projetos poderiam apoiar e serem apoiados pelos objetivos de vida dos alunos. Desse modo, os nossos questionamentos iniciais eram: Quem são os alunos da E. E. Vereador Pedro Tófano? Como se veem? Quais os seus desejos, perspectivas e problemas?

Baseados nessas perguntas, definimos como objetivo conhecer quem eram os alunos da E. E. Vereador Pedro Tófano tanto do ponto de vista censitário quanto das suas subjetividades. A ideia que orientaria o levantamento seria o mapeamento das características socioeconômicas dos alunos; a investigação sobre se e como o meio/espaço territorial interferiria na forma como os alunos se viam e se identificavam; e sobre como os alunos se percebiam seus desejos, perspectivas e problemas na vida e na escola.

Para concretizar esses objetivos, buscou-se desenvolver, aplicar e sistematizar os dados produzidos a partir do formulário já citado, como forma de levantamento de dados objetivos e análises subjetivas conhecer e (re) conhecer o perfil dos alunos da escola, para assim, traçar ações que pudessem transformar os aspectos negativos e ressaltar os aspectos positivos da realidade da escola. Participaram desta atividade os professores, os diretores e os 296 jovens estudantes dos 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – Anos Finais (201 alunos) e dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio (95 alunos).

Ao analisarmos os dados produzidos a partir do formulário, em reuniões que os integrantes da pesquisa-ação-colaborativa apresentavam sínteses das diferentes questões alguns aspectos relativos à identidade dos alunos tomavam forma e interpelavam os professores da equipe escolar sobre as suas práticas. Os jovens estudantes, residentes nos bairros da periferia da cidade expuseram em suas respostas uma grande confiança na escola ela ali aparecia como possibilidade real de alcançar uma vida melhor, de reivindicar outros equipamentos de lazer para a comunidade.

Dos 296 estudantes da escola que participaram do preenchimento do formulário, 40% residem no próprio distrito; 37%, no bairro Morada do Sol; 11% são alunos da Zona Rural; e 12% são alunos de outros bairros e distritos próximos. A maioria das famílias residentes no distrito de Montalvão trabalha na cidade de Presidente Prudente, em diferentes ocupações, tais como cozinheira, diarista, comerciário, construção civil, serviços de manutenção etc. Outra parte atua em atividades agropecuária locais. Os pais que residem nos bairros próximos ao

*O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

Distrito trabalham, geralmente, na construção civil como pedreiros, serventes de pedreiros e pintores, conforme constatado através do levantamento censitário.

Importante destacar que a maioria dos estudantes estava ligado a famílias cujos pais tinham baixa escolaridade – muito poucos haviam cursado o ensino médio e a maioria tinha o ensino fundamental II incompleto. Entretanto, através de suas respostas, os estudantes reconheciam as limitações da sua condição econômica, social e cultural, mas se colocavam como sujeitos do seu tempo, em trânsito e com vontade de mudança para o seu futuro, e novamente ali a escola aparecia como possibilidade para a concretização dos seus desejos, um lugar de experiências positivas para cerca de 72% deles. Entre estas experiências apontavam a participação no grêmio estudantil, participar do Jornal Escolar, participar de eventos e atividades na e fora da escola, estudar e aprender e fazer amigos.

Ressaltamos que a discussão das respostas pelo grupo foi um momento de (re)conhecimento mútuo: ao mesmo tempo em que as respostas acionavam a memória sobre este ou aquele estudante, a equipe escolar e os pesquisadores relembravam as suas experiências escolares como estudantes e como profissionais da educação que atuam no cotidiano de escolas.

O resultado das análises foi apresentado ao conjunto dos professores, representantes estudantis, gestores e grupos externos parceiros da escola em reunião de avaliação e planejamento no final do terceiro bimestre de 2022. Em suma, o que buscamos foi compreender as implicações dos desejos e expectativas dos estudantes, bem como da sua visão e dos sentidos que atribuem à escola para o trabalho docente, de forma a qualificar a implementação de uma proposta pedagógica.

**Sobre lições aprendidas: o que nos contam as cartas...**

Diante destas inquietações e a partir da proposta metodológica da pesquisa interinstitucional “Olhares Psicossociais para a Prática Docente”, no segundo semestre de 2021 foi desenvolvida a troca de cartas entre os professores, com a produção de narrativas sobre o seu trabalho, a escola e os estudantes. A proposta previa que o envio de cartas pelos professores e diretores da escola a uma suposta professora de outro estado em processo de remoção que, através de uma carta-motivadora estava buscando informações sobre a Escola Estadual Vereador Pedro Tófano para fazer a sua escolha.

Prezado (a) colega,

*Meu nome é Eli, dou aula há seis anos em uma escola de minha cidade, mas por questões familiares vou me mudar de cidade. Fiquei sabendo que na escola em que você trabalha há vagas para o processo de remoção no próximo ano. Esta não é uma decisão fácil, por isso, gostaria de lhe pedir um favor, você poderia me contar um pouco sobre como é trabalhar nessa escola? Como é dar aula aí? Como é o ensino? Como são os alunos, os colegas e a gestão? Como é a relação com a comunidade? Como está sendo dar aulas, viver a escola, agora, durante a pandemia? Enfim, como era e como é seu dia a dia? Aguardo sua resposta*

*Cordialmente,*

*Eli*

A escolha desse dispositivo deu-se com o objetivo de promover a construção de uma narrativa por parte do(a) docente sobre sua atividade profissional cotidiana a fim de compreender os sentidos atribuídos às suas práticas, a si mesmo como professor/gestor, sobre as relações com os estudantes, com a comunidade e sobre o seu contexto de trabalho e ensino. A carta como explica Prado (2013) é tomada como uma “narrativa pedagógica”, pois as narrativas dos profissionais da escola produzidas com o propósito de compartilhar saberes e conhecimentos a partir da reflexão sobre a própria experiência, possibilitam a produção de novos saberes. Nas suas palavras:

Entendo como ‘narrativa pedagógica’, os dizeres e escritos dos professores e profissionais da escola (tais como memoriais, cartas, depoimentos, relatos, diários, relatórios, crônicas pedagógicas, dentre outros) produzidos com o propósito de compartilhar saberes e conhecimentos a partir da reflexão sobre a própria experiência, da observação da prática dos pares, da discussão coletiva, da leitura, do estudo e também da pesquisa” (Prado, 2013, p. 150).

Participaram desta atividade seis professores e dois diretores da escola, 5 mulheres e 3 homens com idades entre 29 e 52 anos. Quanto à formação, eram graduados em Pedagogia, Letras- Português, Letras-Inglês, Geografia (1 doutora, 2 mestres, 1 mestrando, 3 especialistas e um graduado) que lecionavam as disciplinas de Língua Portuguesa, Tecnologia, Inglês, Geografia, História, Sociologia, Eletiva e Alfabetização. Esses professores tinham entre 3 e 13 anos de docência e compunham o corpo profissional da escola a no mínimo 2 e no máximo a 8 anos com jornadas de trabalho que variavam de 25h a 40h semanais. Apenas um desses profissionais era horista.

Ao iniciarmos a discussão e análise das narrativas produzidas a partir das cartas, percebeu-se que a maior inquietação recaía sobre a identidade dos alunos e a articulação desta com as práticas pedagógicas produzidas no cotidiano da escola. Havia no grupo uma percepção mais aguçada da implicação do conhecimento humanizado e respeitoso sobre

*O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

quem são os alunos como atores do processo educativo no sentido de uma orientação das práticas pedagógicas na direção da transformação mútua, para além das características socioeconômicas e de procedência geográfica e social.

*Os alunos são os que me dão alegria, percebo a boa vontade neles, o carinho pela escola como um todo, pelos professores, até mesmo por aquele que não merece, pelo prédio, percebo o respeito pelos estudos, percebo a vontade de se integrar e de construir junto com a equipe de docentes e de gestores um bom trabalho. Alunos com dificuldade de aprendizagem ou de convívio toda a escola tem e estão ali para serem trabalhados e conforme vamos atendendo as suas dificuldades eles vão se modificando, ficando mais parceiros, participando mais.* (Professora)

*De modo geral os alunos participam das atividades, demonstrando interesse e são bem comunicativos, no entanto percebe-se que nas turmas existem níveis de conhecimentos diferentes, uma vez que alguns alunos precisam ser estimulados para desenvolver as atividades e outros ficam dispersos e em alguns momentos precisa ser chamado a atenção. Além disso, nessa escola o aluno é visto como centro de todo processo de ensino-aprendizagem, para ele deve convergir todo o esforço no objetivo de que o mesmo alcance o sucesso escolar; todo processo pedagógico deve ter em vista as necessidades dos alunos e sua realidade, sem, contudo, deixar de lado o currículo escolar estabelecido legalmente.* (Professor)

Nas cartas os professores falam sobre a escola, os professores e os alunos, sobre as práticas pedagógicas e de gestão, avaliações e recursos pedagógicos, a exemplo dos dois excertos das cartas produzidas. O primeiro excerto mostra a centralidade do aluno no processo educativo e a função política da escola em uma visão ampla e o caráter ético do comprometimento com a mudança que as práticas escolares e o trabalho docente implicam. Comprometimento este que aparece como uma característica a ser citada, quando os alunos dos 7º e 8º anos falam ao suposto novo colega sobre seus professores, assim como uma experiência positiva de escola apontada pelos alunos do ensino médio: “[...] é muito bom quando a gente encontra um professor que se interessa, que escuta e ensina, que é gente, não trata a gente como alguém que não tá nem aí. A gente tá! Claro que tem uns que nem sabem porque entraram pelo portão!” (aluno, 2º ano, ensino médio).

Já o segundo excerto, também de um professor, da mesma forma coloca como foco da sua narrativa as características dos alunos, como se relacionam e as diferenças de níveis de conhecimento como um desafio a ser enfrentado, mas reafirma a centralidade do aluno e a necessidade de vê-lo como um sujeito da aprendizagem inscritos em dado contexto,

sublinhando a importância de seguir o que está instituído como conteúdo importante a ser ensinado: “[...] todo processo pedagógico deve ter em vista as necessidades dos alunos e sua realidade, sem, contudo, deixar de lado o currículo escolar estabelecido legalmente”. (Professor)

Este mesmo professor, em outro trecho de sua carta a Eli, pondera que na Escola Pedro Tófano o ensino, como ato intencional, tem como objetivo o desenvolvimento integral dos alunos, pois os professores não se pautam apenas pelo desenvolvimento cognitivo,

[...] pensam em diversos recursos que ajudam a desenvolver as atividades estimulando as diferentes vias sensoriais dos alunos e fazendo o uso de diferentes linguagens para garantir o processo de ensino e aprendizagem. Portanto, se tem como centro do processo de ensino e aprendizagem o aluno, uma vez que a formação desse aluno deve garantir o desenvolvimento da capacidade humana. [...] (Professor)

Em sua carta, a professora que estava no exercício da direção, expressa a importância do professor no processo de transformação do aluno, ao mesmo tempo que expõe as fragilidades da escola em seu cotidiano: a rotatividade de professores e impede a formação de vínculo e o desenvolvimento de um trabalho articulado entre pares e comunidade.

O professor é fundamental nesse processo. A escola possui uma rotatividade de docentes muito grande, por isso, entendo que o que deve ser fortalecido ali é um projeto, é o que se chama de projeto político pedagógico da escola, mas não o do papel, o do dia-a-dia, que não dá para ser construído por alguém de fora e nem pelo diretor sozinho, nem pelos professores nem pelos alunos sozinhos. É um dos grandes desafios da escola. (Diretora)

Ela aponta em sua carta à colega que a superação deste tipo de cenário está ligada ao processo coletivo e comprometido de construção de um projeto político pedagógico, nas palavras da diretora, “mas não o do papel, o do dia-a-dia, que não dá para ser construído por alguém de fora e nem pelo diretor sozinho, nem pelos professores nem pelos alunos sozinhos. É um dos grandes desafios da escola”. (Diretora). Destaca a necessidade de uma ação política de toda a comunidade escolar em favor de um projeto efetivo para que a escola cumpra o seu papel social.

Nas análises dessas narrativas, consideramos o contexto da pesquisa e o histórico e caracterização da escola; a sua relação com a comunidade; e os sentidos e significados que professores e alunos manifestam relativamente ao cotidiano escolar como cenário presente e possibilidade de desejos de futuro. Ao escrever a carta, professores e diretores refletem sobre as práticas escolares, provocam aqueles movimentos quase imperceptíveis que desestabilizam o instituído e, a partir da ação provocada, transformam as suas práticas.

## *O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

Aparece neste movimento a potência da experiência instituinte do fazer/saber produzido no coletivo tendo por horizonte a emancipação dos sujeitos a partir da educação e a transformação das práticas que constituem e são constituídas por estes mesmos sujeitos.

É importante destacar que para a análise das produções, utilizamos como fundamentação os princípios da pesquisa narrativa. Clandinin e Connelly (2011) definem o espaço da pesquisa narrativa como um *espaço tridimensional* em que se entrecruzam os diversos tempos da vida do narrador, o individual, o social e o lugar da experiência. Em nossa experiência de pesquisa-ação-colaborativa, as narrativas de professores e estudantes se configuraram com produções pessoais, porém, ao se referirem a um espaço e tempo que é coletivo (a escola), elas nos contam histórias que podem ser elementos a serem considerados para compreender além do pessoal, possibilitando um conhecimento do grupo e das relações entretecidas entre os diversos atores.

Ao considerar o espaço tridimensional marcado por tempo, espaço, pessoal e social, através das narrativas buscamos compreender a singularidade e subjetividade do narrado por professores e alunos em função do seu contexto social, enfocando sua experiência como produto e produtora do entorno. O gosto pela escola, a vontade de progredir a partir de uma continuidade formativa, a conquista de melhores condições socioeconômicas, de conhecer outros lugares e culturas, de formar uma família e cuidar dela, são elementos comuns aos diferentes atores da escola.

Professores e alunos, predominantemente, são integrantes de famílias de camadas populares, frequentaram e/ou frequentam escolas públicas e são originários de contextos urbanos de cidades pequenas e médias, mas de origem rural. Muitos dos professores, foram os primeiros integrantes de suas famílias a cursarem o ensino superior, papel que, em perspectiva, também será desempenhado pelos alunos.

A esse respeito, como lição aprendida no decorrer da produção da pesquisa-ação-colaborativa, novamente sinalizamos a potência desses movimentos imperceptíveis engendrados a partir das narrativas de professores, diretores e alunos. Ao tecerem suas narrativas em um processo reflexivo-formativo que implica narrar, ouvir a si e ao outro e discutir eles deixam entrever outros lugares da experiência instituinte que é pensar uma outra escola, uma outra educação.

### **Algumas reflexões finais**

Aqui estancamos o passo, interrompemos a caminhada que representa a produção de uma pesquisa-ação-colaborativa para retomar brevemente o nosso objetivo com a apresentação deste texto. Através dele, buscamos mostrar como, ao construirmos possibilidades colaborativas de trabalho conjunto entre a escola e a universidade, produzimos uma experiência instituinte que potencializou a transformação de práticas escolares e a emancipação de sujeitos.

Nossa finalidade inicial era, através do processo de pesquisa, (re)conhecer os atores da Escola naquilo que lhes é identitariamente próprio. Era também refletir sobre nossas práticas e produzir práticas pedagógicas e de gestão mais adequadas às dimensões ética, técnica, política e estética de uma escola pública/educação como construção conjunta, lugar privilegiado da vida pedagógica, mas não único, do ensinar, aprender, pesquisar e avaliar compartilhado pelo professor, alunos e gestão.

Desta forma, podemos apontar que nas cartas dos professores, da mesma forma que nas narrativas dos jovens estudantes, aparecem questões relacionadas ao trabalho docente, às relações entre os pares, entre professores, com a gestão, com os alunos e com a comunidade. A discussão desses aspectos da prática profissional e da vida cotidiana dos profissionais da educação e dos estudantes é colocada pelo conjunto dos integrantes da pesquisa-ação-colaborativa como elemento de reflexão e formação. O desenvolvimento da pesquisa-ação colaborativa levou o conjunto da escola ao desafio de buscar se (re)conhecer e conhecer melhor o aluno da escola para aperfeiçoar práticas – pedagógicas e de gestão.

A experiência relatada aqui, a nosso ver, se coloca como uma experiência de produção de movimentos instituintes. Marcada por ambivalências e hibridismos, conquistas e fracassos, o processo de produção da própria pesquisa representa a insurgência de uma dada experiência escolar, fruto do acúmulo de condições que caracterizam as dinâmicas de inserção da escola e da universidade junto à comunidade do distrito do Montalvão, em Presidente Prudente.

A Escola Estadual Pedro Tófano tem uma trajetória de mais de 70 anos na formação escolar dos integrantes das famílias que lá se fixaram e dos bairros populares vizinhos. Seus professores e diretores, em sua maioria, possuem uma relação com o meio universitário, predominantemente público, nos seus itinerários formativos. Entre aqueles que responderam a carta de Eli, apenas um possuía somente graduação, ou seja, tinham relação com o processo

*O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

de pesquisa, no caso, da pesquisa-ação-colaborativa como uma possibilidade de resistência e de criação de uma outra sociedade possível e de uma educação de qualidade, para todos e que responda aos anseios e necessidade daquela comunidade.

Ao buscarmos compartilhar responsabilidades sobre as decisões que envolviam os processos da pesquisa com a comunidade através do Conselho Escolar, prática não comum ao contexto da comunidade, constatamos a fragilidade dos processos democráticos no âmbito da escola pública. Chamar as famílias, representantes comunitários, profissionais atuantes na escola e alunos à discussão da pertinência ou não do desenvolvimento da pesquisa provocou um movimento de ruptura com um modo de funcionamento instituído: assumir responsabilidades que envolvam a transformação da escola é visto como uma prática inventada, que implica riscos, que rompe com a inércia da atuação por representação.

As narrativas sobre os desejos dos alunos, assim como as cartas dos professores, expressam o desejo por uma escola pública diferente, aberta a uma cultura plural, a diversidade de sujeitos e suas multifacetadas vivências. Pesquisar o que não está na ordem do instituído ainda causa estranheza aos integrantes das universidades e agências de fomento, é desvalorizado e desacreditado como pesquisa cujos resultados possam ser validados.

Também as “assimetrias e precariedades em relação a atitude de respeito que as ações, decisões e desejos dos que fazem a escola (seus profissionais e trabalhadores e seus estudantes e familiares) [...]” (Linhares, 2007, p. 153) é um aspecto que merece ser comentado em razão da experiência sobre a qual nos propusemos a refletir. Em diferentes momentos os diferentes níveis de autonomia docente, discente e escolar se viram tensionados. Os caminhos não estavam estabelecidos e a ausência de limites mais visibilizados geraram insegurança e descrédito. Vários professores que iniciaram o processo em 2019 questionaram seus caminhos e possibilidade de resultados, optaram por seguir caminhos já trilhados, questionando o emprego do tempo e de recursos para algo que “não ia dar em nada”, entendendo que todas as atividades devem ter resultados produtivos para titulação, progressão funcional, ou remuneração.

Ao final, podemos constatar que ainda há uma grande dificuldade de as pesquisas adentrarem as salas de aula, os espaços escolares e educativos como possibilidade de criação de mudança para os próprios sujeitos que estão na escola. De reconhecer a potência que pode

haver nesses processos insurgentes de produção de práticas e conhecimentos na forma de experiências instituintes de uma outra escola. Contudo, o que também constatamos é que os que permaneceram, os que acreditaram, saíram modificados, alguns, inclusive, tendo *retirado* seus sonhos da conserva e adentrado a outras experiências formativas.

### Referências

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa:** experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n.3, p. 483–502, set./dez. 2005. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/abstract/?lang=pt> Acesso em: 12 out. 2025.

LINHARES, Célia. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista Educação Pública**, Cuiabá/MT, v.16, n.31, p. 139-10, mai./ago.2007. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5192> Acesso em: 12 out.2025.

NÓVOA, António. Professor se forma na escola. **Nova Escola**, São Paulo, n. 142, p. 1-7, mai. 2001.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Narrativas Pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.4, n.10, p.149-165, 2013. Disponível em:  
<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/537> Acesso em: 11 out.2025.

RIOS, Terezinha Azêredo. A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. 2.ed. 6 reimpr. Campinas, SP: Papirus, 2019. p. 73-93.

ROCKWELL, Elsie. De Huellas, bardas y veredas: uma historia cotidiana en la escuela. In: ROCKWELL, Elsie (coord). **La escuela cotidiana**. 6 reimpr. México: FCE, 2014. p. 13-57.

### Sobre as autoras

#### Marta Campos de Quadros

Doutora e Mestre em Educação, graduada em Comunicação Social, Pedagogia e Letras. Atualmente é professora colaboradora do PPGE da Universidade Luterana do Brasil ligada à linha de pesquisa Infâncias, Juventudes e Processos Educativos e ao Grupo de pesquisa Educação e Cultura. É pesquisadora associada ao Núcleo de Pesquisa sobre Cultura Currículo e Sociedade (UFRGS) e pesquisadora não remunerada ddos Grupos de Pesquisa Formação de Professores, Políticas Públicas e Espaço Escolar e Geografiae Juventudes da UnespCampos Presidente Prudente. Email: [radiocapelinhaz@gmail.com](mailto:radiocapelinhaz@gmail.com) ORCID: 0000-0001-5288-1485

*O olhar do professor sobre os desafios da escola pública: reflexões sobre uma experiência instituinte*

**Yoshie Ussami Ferrari Leite**

Livre-docente pela FCT/Unesp/Campus de Presidente Prudente, Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com Estágio de Pós-Doutoramento em Educação na Universidade de São Paulo. Professora Adjunta do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da FCT/Unesp/Campus de Presidente Prudente. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, políticas educacionais e escola pública. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de professores, políticas públicas e espaço escolar

Email: [yoshie.leite@unesp.br](mailto:yoshie.leite@unesp.br) ORCID: 0000-0003-4410-1236

Recebido em: 21/07/2025

Aceito para publicação em: 29/09/2025